



AMAZÔNIA SEM LEI

Restos mortais de Bruno Araújo Pereira e de Dom Phillips chegam a Brasília, para serem analisados pelo Instituto de Criminalística da PF. No Vale do Javari, força-tarefa apura possibilidade de participação de outras pessoas no assassinato

Sergio Lima/AFP



Jato da PF trazendo os esquifes onde estão os corpos de Bruno e Dom chegou no começo da noite de ontem

Sergio Lima/AFP



Agentes carregam um dos caixões com os despojos, que podem ajudar a elucidar a mecânica do homicídio

Investigadores caçam mais TRÊS SUSPEITOS

» VICTOR CORREIA

Com a descoberta dos corpos de Bruno Araújo Pereira e de Dom Phillips, a Polícia Federal (PF) busca, agora, mais três suspeitos de envolvimento nos assassinatos do jornalista e do indigenista. Dois possíveis envolvidos no duplo homicídio estão presos: Amarildo da Costa Oliveira, o “Pelado”, e seu irmão Oseney da Costa de Oliveira, o “Dos Santos”.

Os dois são suspeitos de participar diretamente da execução. “Pelado” confessou a participação e a do irmão nas mortes, e indicou aos policiais os locais onde foram cometidos os assassinatos e onde os restos mortais foram escondidos (veja mapa ao lado). Segundo a confissão, Bruno e Dom foram executados a tiros em um barco. Os corpos foram levados para uma área de difícil acesso, a mais de três quilômetros de mata fechada na margem do Rio Itaquai, para serem esquartejados, incinerados e enterrados. “Dos Santos”, até o momento, não confessou a participação no crime.

Mas, segundo a PF, “Pelado” entregou que um terceiro homem participou do assassinato. Além desses suspeitos de envolvimento direto nas mortes, fontes ligadas aos investigadores apontam para um outro envolvido na remoção dos restos mortais. Os agentes buscam, também, o possível mandante do crime.

Ontem, a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja) assegurou a prisão de um terceiro suspeito, cujo nome não foi divulgado, mas a PF não confirmou. Segundo o superintendente da corporação no Amazonas, Alexandre Fontes, as investigações seguem em sigilo, e “novas prisões devem ocorrer a qualquer hora do dia”. Ainda não se sabe a razão do crime, mas há suspeita de que a pesca ilegal na região seria o motivo.

A força-tarefa também realizou, ontem, buscas pela embarcação utilizada por Dom e Bruno antes de serem assassinados. Os criminosos afundaram-na no Rio Itaquai depois dos assassinatos. Integrantes da PF, da Marinha e indígenas que vem guiando as buscas percorreram cerca de 12km pelo rio, nas proximidades da comunidade ribeirinha Cachoeira. Segundo a confissão de Amarildo, o barco foi afundado nesta localidade.

A operação usou mergulhadores, garatêias — um grande anzol com mais de um gancho — e redes para tentar localizar a embarcação no fundo do rio, mas nada conseguiu. Há a possibilidade de a correnteza ter mudado o barco de posição.

Também ontem, peritos concluíram que os traços de sangue encontrados no barco pertencente a “Pelado” não é do jornalista. Resta verificar se é de Bruno.

Conflito

Embora a motivação do crime ainda esteja sendo averiguada, o Vale do Javari é conhecido pelos conflitos entre os pescadores predatórios — que não respeitam os ciclos reprodutivos dos animais aquáticos da região —, povos indígenas e profissionais que atuam para a preservação do local.

Um documentário produzido poucos meses atrás pela rede de tevê *Al Jazeera* mostra um breve encontro entre Bruno e “Pelado”. Nas imagens, quando as embarcações se aproximam, o pescador diz para o indigenista que aquela área é uma zona de pesca sem relação com a comunidade indígena no local. E diz para Bruno em tom hostil: “Tome seu rumo”.

Segundo a Univaja, “Pelado” é conhecido por ameaçar o indigenista e integrantes das comunidades nativas. Pouco tempo antes do desaparecimento de Dom e Bruno, pescadores ilegais deixaram uma carta em



Arte de Valdo Virqo/CB/D.A Press com informações da Polícia Federal

tom ameaçador.

“Sei que quem é contra nós é o Beto índio e o Bruno da Funai (Fundação Nacional do Índio), quem manda os índios irem para a área prender nossos

motores e tomar nosso peixe. Só vou avisar dessa vez que, se continuar desse jeito, vai ser pior para vocês. Melhor se prontarem. Tá avisado”, dizia a carta.

Bruno e Dom desapareceram

em 5 de junho. Eles percorriam de barco os mais de 70km que separam o Lago do Jaburu do município de Atalaia do Norte (AM). Os dois foram vistos pela última vez às 6h daquele dia.

Despojos vão para análise

Os restos mortais do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista Dom Phillips chegaram, na noite de ontem, a Brasília para serem periciados. O avião da Polícia Federal (PF) partiu de Manaus de manhã e pousou no Aeroporto Internacional de Brasília às 18h34, seguindo direto para o hangar da corporação.

Dois caixões foram retirados da aeronave e carregados por policiais federais para dentro do hangar. O desembarque durou em torno de 10 minutos. De lá, os despojos seguiram para o Instituto Nacional de Criminalística da PF.

De acordo com fontes da corporação, “há grandes chances” de que os corpos sejam realmente de Bruno e Dom, mas apenas uma perícia pode confirmar as identidades. Os exames serão chefiados pelo diretor do Instituto, Ricardo Guanaes. O prazo inicial para a conclusão das análises é de 15 dias, mas o laudo pode sair antes disso.

A polícia busca, junto aos parentes de Bruno e Dom, amostras de material genético e outros elementos que podem ajudar na identificação dos dois corpos. A análise deve começar hoje e o material biológico passará, primeiro, por uma avaliação dos peritos para determinar quais exames serão necessários para a identificação.

Segundo Guanaes, a identificação das vítimas e a análise das causas da morte serão realizadas paralelamente, para agilizar os resultados. Entre os elementos avaliados nos exames estão marcas em tecidos e ossos, e possível presença de projéteis.

Apesar dos restos mortais terem sido encontrados, as investigações do crime continuam. A perícia realizada em Brasília poderá ajudar a esclarecer a sequência do crime. (VC)